



Historiografia e negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving

Wallace Guilherme Soares de Brito*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo elaborar uma interface entre filosofia e cinema a partir de uma análise temática do filme *Negação* (2016) sob o viés do verbete *Filosofia da História*, de Daniel Little (2016); o que faremos através de uma síntese da trama que envolve dois escritores: a professora Deborah Lipstadt, historiadora; e David Irving, autor negacionista do Holocausto. Utilizaremos como fontes a obra *Negação*, da Professora Lipstadt, bem como o bestseller *Hitler's War* (1977), do Irving. Focaremos nos argumentos apresentados por Irving, quais sejam: Hitler não sabia da “Solução Final”, e quando soube tentou evitá-la; nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas e, por fim, o que conhecemos como Holocausto não aconteceu. Os compararemos com três conceitos desenvolvidos por Little (2016) em seu verbete mencionado: o papel do historiador, os critérios de verificação que atestam suas “verdades” e a possibilidade de neutralidade na pesquisa, analisando o filme à luz da obra de ambos os autores. Concluímos que Irving se distancia do viés História da Filosofia e que sua argumentação é baseada em deturpações de documentos históricos, especulações infundadas e sua vontade pessoal de que fosse verdade.

Palavras-chave: Historiografia; Negação do Holocausto; Antissemitismo.

Historiography and Holocaust Denial: the case Lipstadt vs. Irving

Abstract: This work aims to elaborate an interface between historiography and cinematography based on a thematic analysis of the film *Negação* (2016) under the bias of the entry *Philosophy of History* by Daniel Little (2016); what we will do through a synthesis of the plot that involves two writers: professor Deborah Lipstadt, historian; and David Irving, author and Holocaust denialist. We will use

* Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista CNPq pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: shimonbenabe@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0185356060836425>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0241-2570>.

as sources the book *Negação* (2017), by Professor Lipstadt, as well as the bestseller *Hitler's War* (1977), by Irving. We will focus on the arguments presented by Irving, namely: Hitler did not know about the “Final Solution”, and when he did he tried to avoid it; no one was executed in the Nazi death camps and, finally, what we know as the Holocaust did not happen. We will compare them with three concepts developed by Little (2016) in his mentioned entry: the role of the historian, the verification criteria that attest to his “truths” and the possibility of neutrality in the research, analyzing the film in the light of the work of both authors. We conclude that Irving distances himself from the History of Philosophy bias and that his argument is based on misrepresentations of historical documents, unfounded speculations and his personal desire for it to be true.

Keywords: Historiography; Holocaust Denial; Antisemitism.

Contextualização

A temática da verdade sempre assombrou o espírito da Humanidade. Na modernidade, não é diferente. O tema surge novamente sob novas roupagens: a pós-verdade. Como falar sobre este conceito tão profundo em uma era onde as informações são massificadas, bombardeadas e – em muitos casos, agora mais que nunca – falsificadas? Nesse cenário, o negacionismo científico aparece como um dos protagonistas. No Brasil e no mundo, o ano de 2020 foi marcado por diversas manifestações e propagações anticientíficas e francamente negacionistas. Do negacionismo científico nasce o histórico, com igual poderio destruidor e alienador. A negação do Holocausto é um dos seus exemplos e, se trata, como veremos mais adiante, de uma forma potencial de antissemitismo. Podemos citar como exemplos básicos 1) a asserção de que o número de seis milhões de judeus mortos pelo Terceiro Reich é exagerado; 2) que a causa das mortes dos prisioneiros dos campos de extermínio foi inanição e doenças, não um plano de extermínio deliberado; e, por fim, 3) que o Diário de Annie Frank é uma farsa (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2020).

É necessário diferenciar o revisionismo histórico, que utiliza da historiografia para reinterpretar um fato histórico conhecido, do

negacionismo histórico, que, por sua vez, se trata da negação propriamente dita de fatos históricos conhecidos. Segundo o pensador belga Professor Koenraad Elst:

Negacionismo significa a negação de crimes históricos contra a humanidade. Não se trata da reinterpretação de fatos conhecidos, e sim da negação dos mesmos. O termo negacionismo ganhou destaque como nome de um movimento que nega um crime específico contra a humanidade, o genocídio de judeus cometido pelos nazistas entre 1941 e 1945, conhecido também como holocausto (do grego “sacrifício no fogo”) ou Shoah (do hebraico “desastre”). O negacionismo é identificado propriamente como esforços em reescrever a história de tal maneira que o acontecimento do Holocausto seja omitido (ELST, 2002, tradução nossa, grifo nosso).

Neste cenário, a Filosofia da História surge como instrumento. O estudo sobre o método científico e a sua aplicabilidade na pesquisa, sobretudo nas Humanidades; a compreensão e reflexão filosófica sobre a verdade e os papéis que ela exerce na sociedade; das quais são formas de combater a marcha de ódio que quase sempre impera por trás de discursos negacionistas. O verbete Filosofia da História do professor Daniel Little compõe um estudo sobre a Historiografia e a História propriamente dita, se tratando de um excelente texto introdutório para o tema, cuja profundidade e cuidado de análise é igualmente excelente. O filme *Denial* (2016) é uma obra britânica baseada no trabalho literário homônimo de Deborah Lipstadt, uma historiadora e pesquisadora judia estadunidense. O filme retrata sob as lentes da sétima arte como ocorreu a ação jurídica movida por David Irving contra Deborah Lipstadt, que a acusou de difamação quando a historiadora se referiu à ele como um negacionista e antisemita em sua obra posterior, *Denying the Holocaust* (1993). O livro *Negação*, por sua vez, trata-se de vários comentários, transcrições e anotações feitas antes, depois e – o mais importante aqui – durante o julgamento, o que nos fornece uma fonte bastante detalhada acerca do desenrolar do processo. Com raras exceções, a obra cinematográfica faz jus aos fatos ocorridos

durante o julgamento, muito embora seja alvo de críticas no que diz respeito a forma com que retratou os discursos, de tal maneira que pode abrir margens para uma interpretação de que são simplesmente dois pontos de vista diferentes, duas opiniões contrárias sobre um ocorrido – o que, como veremos mais adiante, não é verdade. O filme também passa certa impressão de equidade nos discursos, além de seu roteiro exageradamente dramático desviar o foco principal da obra em alguns momentos.

De antemão, fica claro que o objetivo da defesa da Professora Lipstadt não era provar à corte que o Holocausto aconteceu, e sim que as suas palavras eram verdadeiras, quais sejam: Irving era um antisemita, um “[...] negacionista, um defensor de Hitler e um ideólogo da direita” (LIPSTADT, 2017).

O objetivo deste trabalho é realizar uma ponte entre o filme *Negação* e o verbete do professor Little. Também utilizaremos a obra de ambos os autores envolvidos com objetivos de delinear um horizonte bibliográfico sólido. Analisaremos as teses apresentadas por Irving, quais sejam: 1) Adolf Hitler não sabia da “Solução Final” e quando soube tentou evitá-la; 2) nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas; e, por fim, 3) o Holocausto nunca aconteceu. As compararemos com três conceitos desenvolvidos por Little (2016) em seu verbete mencionado: o papel do historiador, os critérios de verificação que atestam as suas “verdades” e as possíveis neutralidade e objetividade dos eventos históricos. Feito isso, investigaremos os passos da defesa da Professora Lipstadt. Concluiremos fazendo uma analogia entre os principais argumentos da defesa e os três conceitos desenvolvidos por Little (2016) para comprovar aproximações entre um e outro e concluiremos que as teses de Irving não possuem respaldo histórico comprobatório, fundamentando-se em deturpações deliberadas de documentos e seu desejo pessoal de que fosse verdade.

Dos deveres intelectuais do historiador

Prof. Little começa seu texto com uma provocação precisa: “Quais são as tarefas intelectuais que definem o trabalho do historiador?”

(LITTLE, 2016, p. 4), desenrolando cinco passos específicos para auxiliá-lo na resposta. O primeiro passo consiste, basicamente, no gesto de descrição de eventos e situações que já aconteceram. A pergunta a ser feita em tal passo é “o quê?”. As perguntas feitas pelo historiador sobre determinado evento revelam sua intenção e dão um caminho para a pesquisa. Little resume o primeiro passo como “Reconstruir uma história complicada a partir de fontes históricas diversas” (LITTLE, 2016, p. 4), isto é, debruçar-se sobre a complexidade de um evento histórico e utilizar-se de fontes variadas para retratar o ocorrido. A necessidade de fontes históricas aparece, portanto, já no primeiro passo. Como veremos mais adiante, Irving em muito pecou em seu método historiográfico – aliás, não há um método historiográfico em sua pesquisa, o que o reprova já no primeiro passo do Professor Little.

O segundo passo trata-se da explicação do evento histórico propriamente dito, no qual um padrão de pesquisa já deve estar inteiramente presente, isto é, o método científico de pesquisa, e deve guiar a pesquisa no caminho determinado no primeiro passo citado acima, com o objetivo de responder a pergunta “Por quê?”. “Explicamos um resultado histórico quando identificamos as causas, forças e ações sociais que o produziram ou que o tornaram mais provável” (LITTLE, 2016, p. 4).

Adentrando na História, são necessário esclarecimentos. É sabido que Hitler buscava uma hegemonia racial através de um processo de higienização do povo alemão, acreditando que este último fosse os arianos de raça pura e superior às outras civilizações. A transformação do termo ariano, que designa um grupo etno-linguístico, para um povo superior, é fruto da ideologia nazista com o Terceiro Reich, sendo que tal concepção já existia no imaginário coletivo germânico antes do Reich. Os nazistas nada mais fizeram, neste sentido, que politizar – no pior sentido possível da palavra – o chamado racismo científico, que também já assombrou a Humanidade em vários outros momentos¹. O biólogo Danilo Vicensotto da

¹ Cf. GRANDELLE, Renato. Estudo de crânios serviu como base à falha ciência do racismo. *O Globo*. Rio de Janeiro, maio de 2014. Disponível em:

Universidade Estadual de São Paulo chama a atenção à corrupção do termo, que tem como objetivo validar a superioridade biológica dos arianos, o que no campo das ciências não faz o menor sentido². Já em 1950, quando o mundo se recuperava das atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich de Hitler, a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura viram-se na necessidade de redigir *A Declaração das Raças*, de autoria de profissionais da área de biologia, antropologia, psicologia e etnologia. Todo o documento é de suma importância no combate a toda forma de racismo. Dele, dois artigos nos chamam a atenção:

10 – Os dados científicos de que dispomos no momento presente não corroboram a teoria segundo a qual as diferenças genéticas hereditárias constituiriam um fator de importância primordial entre as causas das diferenças entre as culturas e as obras da civilização dos diversos povos ou grupos étnicos. Ao contrário, ensinam eles que tais diferenças se explicam antes de tudo pela história cultural de cada grupo. Os fatores que desempenharam um papel preponderante na evolução intelectual do homem são a sua faculdade de aprender e a sua plasticidade. Essa dupla aptidão é o apanágio de todos os seres humanos. Constitui, de fato, um dos caracteres específicos do *Homo sapiens*. [...]

15. b) No estado atual de nossos conhecimentos, não foi ainda provada a validade da tese segundo a qual os grupos humanos diferem uns dos outros pelos traços psicologicamente inatos, quer se trate de inteligência ou temperamento. As pesquisas científicas revelam que o nível das aptidões mentais é quase o mesmo em todos os grupos étnicos.³

<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/estudo-de-cranios-serviu-como-base-falha-ciencia-do-racismo-12370323>.

²Cf. *O QUE É RAÇA ARIANA?* *Superinteressante*. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-raca-ariana/>.

³Cf. A DECLARAÇÃO das raças da UNESCO. *Achegas*. 1950. A DECLARAÇÃO DAS RAÇAS DA UNESCO (18 DE JULHO DE 1950).

Muito embora entre o documento e a contemporaneidade tenha-se passado sete décadas e o mesmo tenha sido alvo de críticas, as edições redigidas que o sucederam em 1967 e 1978 mantiveram as asserções acerca da ausência de diferenças cognoscíveis entre diferentes grupos étnicos, talvez sua pedra angular. De toda forma, ainda hoje existem – inclusive no Brasil –⁴ células neonazistas que propagam a ideologia nazista tão defendidos pelo Reich Hitlerista, ora disfarçadamente, ora francamente, sendo quase sempre alvo da mídia internacional e da justiça⁵. Diante disto tudo, esclarece-se as razões e contextos que levaram o Shoá a acontecer⁶.

O terceiro passo proposto pelo professor Little procura responder a pergunta “Como?”, tratando-se da probabilidade do acontecimento histórico e assim, sendo também uma explicação do mesmo. Longe do revisionismo histórico, esse passo chama atenção à análise de causas e conjecturas que levaram determinado evento ao sucesso ou fracasso em sua intenção. “Como o Exército Prussiano foi bem-sucedido em derrotar o superior Exército Francês em 1870?” (LITTLE, 2016, p. 4). Este passo será tratado mais à frente durante a análise da argumentação de David Irving.

O quarto passo condiz com os atores, isto é, com os indivíduos que protagonizam um evento histórico. A significação e interpretação aparecem como objetivos aqui, visando especialmente “[...] as intenções humanas que subjazem a uma dada série complexa de ações históricas.” (LITTLE, 2016, p. 4). Esse aspecto hermenêutico e interpretativo requer um cuidado especial por se tratar de algo subjetivo.

⁴Cf. VIEGA, Edison. *Dados indicam crescimento do neonazismo no Brasil*. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/06/29/dados-indicam-crescimento-do-neonazismo-no-brasil.htm>.

⁵Cf. AURORA Dourada: Grécia declara partido de extrema-direita como grupo criminoso. CNN. 2020.

⁶A discussão acerca da ideologia nazista e seu racismo é, de fato, mais profunda que isto. O que procuramos aqui, no entanto, é esclarecer ao leitor que, já na sua época, era sabido quais as causas e motivos que sucederam o ocorrido.

O historiador também deve se debruçar sobre a informação dada e conferir-lhe sentido, afinal de contas, dados não falam por si só. Diante desta problemática, “A tarefa do historiador é encontrar modos de usar esse conjunto de provas para discernir alguma verdade sobre o passado” (LITTLE, 2016, p. 5).

Por último, a questão da imparcialidade e neutralidade é levantada pelo professor Little, que consiste em basicamente a “[...] habilidade de investigar o mundo sem considerar os vieses que estão incrustados em suas crenças, políticas ou éticas, sua ideologia [...]” (LITTLE, 2016, p. 20). Muito presente em discursos políticos (e ironicamente ideológicos) no nosso país, professor Little não enxerga grandes problemas nesta questão.

[...] não há dificuldade fundamental em reconciliar a ideia de um pesquisador com um conjunto de valores religiosos, que a despeito disso cuidadosamente retrata os valores de um agente histórico que possui valores radicalmente diferentes. Essa pesquisa pode ser malfeita, é claro, mas ainda assim não há nenhuma barreira epistêmica que torna impossível ao pesquisador examinar o corpo de argumentos, comportamentos e instituições culturais contemporâneas correspondentes ao outro e chegar a uma representação justificada do outro. Não é necessário que alguém compartilhe dos valores ou visão de mundo de um *sans-culotte* para chegar a uma apreciação justificada daqueles valores e visões de mundo (LITTLE, 2016, p. 21).

Para analisar a questão da personalidade, precisamos, obviamente, conhecer as pessoas que estão envolvida. É sabido que Irving tentou reunir toda a direita inglesa em um partido de frente única chamado Focus, sendo ele o candidato a Primeiro Ministro⁷. Após o fracasso do partido por motivos fiscais, Irving passou a frequentar encontros e eventos de grupos de extrema-direita como o Institute for Historical Review (IHR) [Instituto

⁷ Cf. EVANS, Richard J. *In Hitler's Shadow*. New York: Pantheon Books, 1989.

para Revisão Histórica]⁸, que embora tente manter a aparência de seriedade e rigor acadêmico, trata-se de uma organização cujo objetivo é a divulgação da negação do Holocausto⁹.

Embora o IHR alegasse estar interessado em realizar uma varredura ampla da história, eles concentravam todas as energias no Holocausto. Seus ataques tinham um viés antissemita e anti-Israel. Segundo o IHR, o “governo corrupto e falido de Israel e seu exército de agentes não remunerados nos Estados Unidos” haviam perpetrado um roubo ao povo americano por meio do uso habilidoso da “Maior Mentira de toda a história – a mentira do ‘Holocausto’” (LIPSTADT, 2017).

David Irving possui uma coleção generosa de ações jurídicas movidas por e contra ele a partir de 1967, com a publicação do seu livro *Accident: The Death of General Sikorski*¹⁰. Em 1983, envolveu-se em uma polêmica quando se infiltrou numa coletiva de imprensa da editora alemã Stern, que recentemente publicara diários de Hitler, e provocou um escândalo ao erguer documentos que, segundo ele mesmo, comprovavam a falsidade dos diários. Dias depois, Irving apareceu na mídia para retratar-se afirmando que agora acreditava na genuinidade dos diários. O que Irving não esperava, no entanto, é que dias depois o Bundesarchiv, o

⁸ Tratamos brevemente da distinção entre revisionismo e negacionismo histórico na sessão *Contextualização*.

⁹Cf. MORRIS, Lydia. *Rights: Sociological Perspectives*. Londres: Routledge, 2006.

¹⁰ A polêmica da vez foi a afirmação, ausente de documentação histórica comprobatória, de que o líder polonês Sikorski havia sido morto à mando de Wiston Churchill. Irving processou um autor que havia refutado a tese do livro e perdeu, sendo obrigado a pagar as custas do processo. No mesmo ano, no livro *The Destruction of Convoy PQ17*, afirmou que os 33 navios que compunham o comboio perderam seus suprimentos a caminho da União Soviética por negligência de seu comandante, o Capitão Jack Broome, que processou o autor e sua editora pelo crime de difamação. Irving novamente perdeu o processo e foi obrigado a pagar 40 mil libras, que à época, constatuou uma das maiores indenizações por difamação. Em 1968, foi processado após afirmar que o artigo que criticava sua posta, escrito por Julian Page, era fruto da mente fértil da jornalista. Irving pediu desculpas publicamente e arcou com os custos do processo em troca da retirada da acusação. Cf. LIPSTADT, Deborah E. *Negação*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

Arquivo Nacional da Alemanha, realizaria uma perícia forense cuidadosa que comprovou que os diários eram forjados – e muito mal forjados. Diante do imprevisto, Irving comunicou à imprensa que concordava com o posicionamento do Bundesarchiv e ressaltou que foi o primeiro a declarar a falsidade dos diários. Um repórter do Times o respondeu declarando que havia sido o último a declará-los autênticos (LIPSTADT, 2017). E qual seria a razão para os judeus criarem tal “mitologia”? Segundo o mesmo, seriam motivos financeiros. A conspiração antisemita do domínio judaico do mercado mundial é o *deus ex machina* da obra e pensamento de Irving. Em uma entrevista com a rádio Ulster em 1989, afirmou que:

Ninguém gosta de ser enganado, menos ainda quando há uma soma financeira considerável em jogo. (Desde 1949, o Estado de Israel recebeu mais de 90 milhões de marcos alemães em reparações voluntárias da Alemanha Ocidental, essencialmente em expiação às “câmaras de gás de Auschwitz”). [...] Centenas de milhões de pessoas honestas e inteligentes foram enganadas pela bem-financiada e brilhantemente bem-sucedida campanha publicitária do pós-guerra. (IRVING, 1989, *apud* LIPSTADT, 2017).

A Historiografia encontra um prato cheio para análise e crítica aqui. Muitas vezes em questões básicas Irving se equivoca, seja na afirmação leviana e deliberada de asserções cuja comprovação não é conhecida, seja em discursos de ódio propriamente ditos. Podemos afirmar, com efeito, que a Filosofia da História se debruça sobre as questões que compõem a nossa discussão aqui para refletir sobre as causas e efeitos dos acontecimentos – ler-se refletir sobre o porquê do ativismo de Irving; erguer questões éticas que envolvem a influência e esse ativismo exerce na sociedade; e, sobretudo, enxergar a conjectura com lentes críticas. Ademais, o que concerne tanto à Historiografia quanto à Filosofia é o método. Não se trata de literatos e seus devaneios imaginando como poderia ter sido a história e/ou como acreditam que deveria ter sido; no campo das ciências, é necessário rigor e seriedade. Mas, afinal de contas, sendo a História, bem como as Humanidades em geral, mais que todas as outras áreas do conhecimento, navegantes dos mares da subjetividade e sua

mutabilidade, é possível falar de método como nas ciências naturais ou exatas?

Historiografia e Método

Em relação a um método utilizado na História, utilizamos o conceito de Historiografia, dado anteriormente, cuja definição pode ser dada como “[...] estudo dos métodos e práticas dos historiadores” (LITTLE, 2016, p. 25). O pressuposto de que há um método coloca em xeque várias questões levantadas acerca da relativização da verdade, uma vez que o objetivo do método é, em suma, determinar uma verdade¹¹. Brevemente retomando a questão revisionismo x negacionismo, a professora Lipstadt elabora uma reflexão que nos lembra, em partes, que a questão “existência do Holocausto” sequer pode ser considerada como tal, isto é, não é algo a ser discutido. Assim, o debate que há entre o discurso francamente antisemita de David Irving e a defesa da Professora Lipstadt não se trata de diferentes formas de enxergar fatos ou, ainda, de diferentes opiniões. Sobre isso, Lipstadt afirma:

Meu livro [*Denying the Holocaust*] não defendia a ortodoxia histórica. De fato, historiadores do Holocausto extremamente respeitados sugerem diferentes conclusões para muitos aspectos do Holocausto. Por exemplo, os intencionalistas defendem que Hitler chegou ao poder querendo assassinar os judeus e instituiu um conjunto de políticas coerentes e ininterruptas visando realizar esse objetivo. Ao contrário, os funcionalistas argumentam que a decisão nazista de assassinar os judeus não teve origem em uma única decisão de Hitler, mas desenvolveu-se pouco a pouco e de forma improvisada. [...] Outros historiadores diferem sobre as respostas dos judeus acerca da perseguição. [...] Por mais intensos que esses ou outros debates entre

¹¹ Digno de nota o fato de que a Historiografia não pretende erguer pilares sólidos de verdades incontestáveis, mas tão-somente estabelecer fatos que sejam sustentados por demonstrações plausíveis, os quais interpretamos aqui como verdades históricas.

historiadores possam se tornar, raramente – se é que em algum momento – os participantes falsificam dados. Os negacionistas, por outro lado, distorcem, falsificam e deturpam registros históricos e, conseqüentemente, saem completamente dos parâmetros necessários para qualquer debate histórico sobre o Holocausto (LIPSTADT, 2017, grifo nosso).

Não se trata, pois, da defesa de um dogmatismo de um ponto de vista sobre outro, mais fraco, ou, ainda, da tentativa de silenciar outra forma de enxergar um fato. O que ocorre é o enfretamento direto a discurso que nega um fato histórico determinado e cujo fundamento, como veremos mais adiante, é tão-somente o ódio e o desejo pessoal de que seja verdadeiro.

Nesta sessão, trataremos de aplicar um pouco do vasto e belo universo da Historiografia na obra de Irving, sobretudo em *Hitler's War* (1977), com assistência da professora Lipstadt e das argumentações da sua equipe de defesa. Percebe-se que o bestseller sofreu uma mudança radical a partir da edição de 1991, após Irving ter tido contato com o Relatório Leuchter, que trataremos mais adiante. Após analisar o livro, professora Lipstadt constatou que:

Na edição de 1991, ele eliminou qualquer menção ao Holocausto, substituindo o termo por “extermínio dos judeus”, com vagas referências à “tragédia judaica” e “maustratos aos judeus realizados por nazistas”. A edição de 1977 fazia referência às câmaras de gás. Na edição de 1991, essas referências foram substituídas por “rumores infundados e sem comprovação envolvendo ‘fábricas de morte’”. Ambas as edições apresentam um relato de um discurso de maio de 1944 feito por Hitler a um grupo de generais alemães e no qual garantia que o “problema” dos judeus húngaros logo seria resolvido. Na edição de 1977, Irving escrevia logo após o discurso de Hitler: “em Auschwitz, a extinta parafernália da morte – ociosa desde 1943 – começou a funcionar outra vez quando as primeiras cargas chegaram de trem da Hungria”. Na edição de 1991, essa frase foi substituída por:

“Quatrocentos mil judeus foram presos na Hungria. O primeiro trem de carga chegou a Auschwitz trazendo força de trabalho escrava para a então pronta fábrica da I.G. Farben.” Em 1977, esses judeus haviam embarcado para a morte. Em 1991, eles seriam trabalhadores escravos. Leitores da segunda edição jamais ficariam sabendo que eles acabaram nas câmaras de gás (LIPSTADT, 2017).

A obra também foi analisada por Richard Evans, autor da mais importante trilogia sobre o Terceiro Reich¹², juntamente com dois alunos seus da pós-graduação, Thomas Skelton-Robinson e Nik Wachsmann, um trabalho de 18 meses que resultou em um relatório de mais de 700 páginas. professor Evans integrou a equipe de especialistas que elaborou a defesa da professora Lipstadt¹³.

Evans [...] começou a debater algumas de suas descobertas. “O verniz de respeitabilidade de Irving desaparece quando você faz uma pesquisa”. Admitiu que estava surpreso com o número de distorções que ele e seus pesquisadores, Nik e Thomas, já haviam encontrado. “Simplesmente existem distorções demais para serem apenas equívocos. E elas sempre parecem seguir na mesma direção: a absolvição de Hitler” (LIPSTADT, 2017).

O historiador húngaro John Lukacs (1924-2019) em uma reunião com a professora Lipstadt em 1998 se referiu a Irving como um “apologista”, condenando veementemente o estudo do negacionista e seus referenciais a Hitler. Segundo Lukacs, a obra de Irving consistia em “Afirmações não verificáveis e nada convincentes.” (1997, p. 26, *apud* LIPSTADT, 2015).

¹² Cf. EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. SP: Editora Crítica, 2017.

¹³A equipe também contava com nomes como o Professor van Pelt (1955 -), arquiteto e um dos maiores especialistas em Auschwitz; Professor Peter Longerich (1955 -), historiador da arquitetura considerado por Evans um dos maiores especialistas do Holocausto; Professor Hajo Funke (1976 -), cientista político; entre outros (LIPSTADT, 2017).

Irving abriu o julgamento do caso do ano de 2000 afirmando que ia provar que as câmaras de gás que atraíam os turistas à Auschwitz se tratava de uma farsa construída pelos poloneses no período pós-guerra e, ao mesmo tempo, negou ser um negacionista e antisemita (LIPSTADT, 2017). A falsificação e deturpação de documentos históricos entra em cena. Utilizando a obra *Hitler's War*, a equipe de defesa da Professora Lipstadt expôs, na figura do advogado Dr. Richard Rampton, que Irving afirmou que Himmler foi convocado para uma reunião secreta na Toca do Lobo pelo próprio Hitler, e que este havia ordenado que a não-liquidação do trem lotado com mais de mil judeus vindo de Berlim. Segundo o próprio Irving:

As importantíssimas anotações telefônicas de Himmler, registradas em uma folha, mostram que às 1:30 p.m. ele falou de telefone “do bunker” – isto é, o 0 de Hitler – com Heydrich e ditou a ordem explícita de que o trem lotado de judeus de Berlim não fosse liquidado (IRVING, 2001, p. 454, trad. nossa).

Irving foi questionado na corte pelo Dr. Rampton sobre as suas “provas irrefutáveis” de que o Holocausto aconteceu: quais eram os indícios de que Hitler havia convocado Himmler naquela noite? Ao que Irving respondeu: “Minha grande expertise no assunto” (IRVING, 2000, p. 30, *apud* LIPSTADT, 2017). O problema, como percebido pelo Dr. Rampton, consiste na interpretação da passagem da anotação realizada por Himmler. O que Irving realizou foi uma interpretação exagerada e deturpada das anotações de Himmler, de tal forma que concluiu que não se tratava de um trem específico, mas de todos os judeus da Alemanha.

Himmler fez as seguintes anotações em seu registro do telefonema: Judentransport aus Berlin. [Transporte de judeus de Berlim.] Keine Liquidierung. [Nenhuma aniquilação.]

O registro do telefonema indica que a alegação de Irving, de que Himmler estava impedindo a liquidação dos judeus, simplesmente não era verdadeira. Himmler dava ordens para que os judeus

de Berlim em um trem específico não fossem aniquilados. Nas mãos de Irving, essa ordem havia passado de instruções sobre um trem específico a uma ordem que se aplicaria a todos os judeus (LIPSTADT, 2017).

O teatro torna-se ainda mais icônico quando Irving afirma que no exato dia após a anotação no diário, Himmler tinha telefonado para Oswald Pohl, General da SS, dando ordens para que os judeus permanecessem onde estavam.

Irving havia fundamentado essa sugestão de que Himmler estaria ordenando que os judeus não fossem deportados com base em uma entrada de 1º de dezembro no diário do próprio Himmler. *Verwaltungsführer der SS* [Líderes administrativos da SS] *haben zu bleiben*. [devem permanecer onde estão.] Rampton observou que a entrada não fazia qualquer referência aos judeus. Não eram os judeus que deveriam ficar onde estavam, mas os líderes administrativos da SS. Irving haviam substituído o termo “haben” por “Juden”, permitindo-se, assim, inventar a afirmação de que os judeus deveriam ficar onde estavam (LIPSTADT, 2017).

Irving assumiu que se equivocou ao traduzir “haben” por “juden”, e disse que se desfizera da máquina que utilizou para a correção há dez ou quinze anos. O problema, no entanto, é que se tratava de uma explicação desfavorável ao próprio Irving, pois mostrava que ele descobrira o erro e corrigido muito antes da publicação de *Hitler's War*, em 1991. A sua falha, portanto, foi deliberada e, como concluiu Dr. Rampton, teve objetivos determinados: “O senhor queria sustentar diante do público a imagem de um Adolf Hitler benigno e magnânimo estendendo o braço para salvar os judeus” (IRVING, 2000, *apud* LIPSTADT, 2017).

Os erros de Irving eram evidências, segundo Dr. Rampton, de que não se tratava de um equívoco honesto, mas uma declaração deliberada. Ainda, Irving negou veementemente a existência de mortes que faziam partes de um sistema planejado, novamente recorrendo às passagens do

diário de Himmler. Por fim, chegou a afirmar que Hitler era uma força negativa contra o extermínio (LIPSTADT, 2017).

Ademais, retratamos e analisamos aqui apenas alguns dos muitos equívocos cometidos por Irving em sua obra e expostos em julgamento pela equipe de defesa da professora Lipstadt. Fica claro, perante tal exposição, que os indícios irrefutáveis de que o Holocausto não ocorreu, como Irving afirmara tão categoricamente, se tratavam, na verdade, de deturpações de documentos históricos, falsificação dos mesmos e o seu desejo pessoal de que fosse verdade.

Sobre método utilizado na história, Prof. Little nos ensina que:

[...] grande parte do estudo da historiografia tem a ver com definir as ideias de prova, rigor e padrões de raciocínio para a investigação histórica. Pressupomos que os historiadores querem descobrir verdades empiricamente sustentadas sobre o passado e pressupomos que eles querem oferecer inferências e interpretações que são de alguma forma reguladas pelos padrões de racionalidade científica (2016, p. 25, grifo nosso).

A deturpação e falsificação deliberadas de documentos históricos retira da pesquisa de Irving todo e qualquer padrão de racionalidade científica. A sua “verdade”, pois, não possui bases válidas para sustentação empírica, dada à fragilidade de suas fontes. Assim sendo, somos obrigados a descartar a sua argumentação de que Hitler havia tentado impedir o extermínio de judeus.

Para falarmos sobre o Relatório Leuchter, é necessário falarmos primeiramente do homem que impulsionou este trabalho. Ernst Zündel (1939-2017) foi um famosíssimo negacionista alemão que foi deportado para o Canadá e posteriormente condenado e preso várias vezes por incitar ódio às minorias¹⁴. Em seu livro *The Hitler We Loved and Why* [O Hitler que nós amávamos e por quê], sustenta a tese de que o Holocausto foi uma

¹⁴ Cf. CONNOLLY, Kate. Holocaust denial jailed for five years. *The Guardian*, 16 de fevereiro de 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2007/feb/16/historybooks.secondworldwar>.

farsa. Para fundamentar tal tese, Zündel contratou por \$40 mil Fred Leuchter (1943), um empresário dono de uma empresa responsável pela confecção de injeções letais, para realizar uma pesquisa nos campos de extermínio nazistas. Sem preparo ou instrução apropriada para realizar uma pesquisa de tamanha exigência¹⁵, Leuchter retirou tanto de Auschwitz quanto de Birkenau – sem autorização, método ou padrão científico – pedaços de concreto das paredes das câmaras de gás, onde os prisioneiros eram asfixiados até a morte, e das câmaras de dedetização, onde objetos eram desinfetados com objetivo de combater uma praga de piolhos que acometia os prisioneiros.

Leuchter traficou os pedaços de concreto retirados ilegalmente para os EUA e enviou-os para um laboratório, solicitando que fossem buscados nos objetos vestígios de cianeto de hidrogênio, a substância tóxica utilizada em larga escala nos campos de extermínio. O resultado da análise do laboratório concluiu que os pedaços de concreto retirados da sala de dedetização possuíam mais concentração de cianeto do que aqueles retirados das paredes das câmaras de extermínio. Com base nisso, Leuchter concluiu que não seria possível que o gás de cianeto tivesse sido usado para executar pessoas, afirmando que somente piolhos morreram em Auschwitz (LIPSTADT, 2017). Dois dias após a publicação do Relatório, impressionado, Irving afirmou: “Minha percepção mudou porque entendo que toda a mitologia do Holocausto agora está aberta a dúvidas” IRVING, 1989, *apud* LIPSTADT, 2017). Os problemas que esse relatório carrega são imensos e numerosos, como já foi demonstrado e comentado pelo químico estadunidense Richard J. Green em um estudo científico¹⁶.

¹⁵ Cf. CRONOLOGIA DA NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/holocaust-denial-key-dates>.

Durante o processo criminal movido pelo estado de Massachusetts contra Leuchter, o próprio afirmou não possuir formação na área de biologia, química, ou toxicologia, áreas fundamentais para execução de uma pesquisa desse calibre.

¹⁶ Cf. GREEN, Richard J. *Leuchter, Rudolf and the Iron Blues*. The Holocaust History Project, 1998. Disponível em: <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/auschwitz/chemistry/blue/>.

É sabido que, quando souberam que os soviéticos estavam chegando, os alemães destruíram as câmaras de gás e queimaram vários documentos, na intenção de impedir ou dificultar que fosse descoberto o que ocorreu no local (LIPSTADT, 2017). Devido à exposição dos escombros das câmaras às variações climáticas e especialmente ao fato de que o cianeto é solúvel em água, é, de fato, previsível que a quantidade de gás encontrada em suas paredes fosse menor que a quantidade das câmaras de dedetização, que por sua vez, não foram destruídas ou expostas às adversidades climáticas.

Ainda que fosse desconsiderada a ação do tempo e clima sobre os escombros, o fato de a quantidade de cianeto ser maior nas câmaras de dedetização nada acrescenta para o estudo sobre os campos de extermínio nazistas, pois é sabido que as pragas são mais resistentes ao gás que seres humanos. Portanto, é necessário maior concentração de cianeto para exterminar pragas.

Nas câmaras de extermínio, as pessoas eram amontoadas em uma local fechado e de pouco espaço, o que por si só já era suficiente para dificultar o processo de respiração devido à liberação de gás carbônico do próprio corpo. Portanto, seria necessário muito menos gás tóxico para exterminar pessoas nesse ambiente já propício. As câmaras de gás eram projetadas com o teto baixo com o objetivo de poupar espaço e, conseqüentemente, a quantidade de gás utilizado nas execuções.

Estes são apenas alguns dos muitos problemas de método que o Relatório Leuchter traz consigo. Ademais, o documento também evoca questões éticas e políticas, das quais não pretendemos abordar aqui. Não obstante, este documento que foi a chave para a virada negacionista de Irving, já tendo sido refutado e desqualificado de sua validade científica, não pode ser aceito tampouco considerado como prova de que não existiu um maquinário de mortes nazista, tal como defendida Irving com garras e dentes, e que nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas.

Considerações Finais

A negação do Holocausto, como defende com garras e dentes a professora Lipstadt, consiste em uma forma de antissemitismo e, portanto, uma forma de racismo. Como tal, deve ser combatido e refutado na medida em que se trata de um crime contra a Humanidade.

Uma pesquisa não necessariamente deve ser conduzida de forma totalmente impessoal, o que, inclusive, sequer deve ser possível. Porém, o risco de permitir que crenças pessoais se sobreponham à fatos históricos determinados entorpece a mente e a razão; o seu resultado é o negacionismo científico e histórico. Por mais sadias que sejam as intenções – isto é, se e somente se for possível ser bem-intencionado e, ao mesmo tempo, negacionista – o fato é que a negação do Holocausto se trata de um dos pilares mais firmes do antissemitismo moderno e da teoria da conspiração do “domínio judaico mundial”. Neste sentido, David Irving, Ernest Zundel e todos os negacionistas são instrumentos de divulgação de mentiras, discursos de ódio e desonestidade intelectual.

Concluimos que, segundo os três pressupostos estabelecidos por Little em seu verbete (2016) de que: uma pesquisa deve realizar descrições factuais, fornecer uma explicação ao fato histórico, analisar a possibilidade de acontecimento do evento e, por fim, dar significado às intenções humanas por trás dos fatos; reunidos sob o pressuposto da impessoalidade na pesquisa, podemos afirmar que as provas apresentadas por David Irving com o objetivo de negar o Holocausto são insuficientes para delinear uma verdade empiricamente sustentada, uma vez que são baseadas em deturpações de documentos históricos, falsidade dos mesmos e o desejo pessoal de que fosse verdade. Neste sentido, considerando que os passos determinados pelo professor Little (2016) como respostas que à questão “Quais são as tarefas intelectuais que definem o trabalho do historiador”, e considerando a reprovação de Irving em todos os três pressupostos, concluimos que não podemos considerar David Irving como, de fato, um historiador.

Referências

- CONNOLLY, Kate. Holocaust denial jailed for five years. *The Guardian*, 16 de fevereiro de 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2007/feb/16/historybooks.secondworldwar>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- CRONOLOGIA DA NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/holocaust-denial-key-dates>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- ELST, Koenraad. Negationism in General. In: ELST, Koenraad. *Negationism In India*. Delhi: Rising Publications, 2002. Disponível em: <https://archive.org/details/NegationismInIndiaChapterOneNegationismInGeneral>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Crítica, 2017.
- EVANS, Richard J. *In Hitler's Shadow*. New York: Pantheon Books, 1989.
- GREEN, Richard J. *Leuchter, Rudolf and the Iron Blues*. The Holocaust History Project, 1998. Disponível em: <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/auschwitz/chemistry/blue/>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- IRVING, David. *Hitler's War and The War Path*. London: Focal Point Publications, 1991.
- LEITURA ObrigaHistória. *Negação do Holocausto: David Irving e o Relatório Leuchter*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eNODxKNR9yk>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- LIPSTADT, Deborah E. *Negação*. Trad. Maurício Tamboni. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.
- LITTLE, Daniel. Filosofia da História. Trad. Thomas Victor Conti. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Califórnia, 13 de outubro de 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/history>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- MORRIS, Lydia. *Rights: Sociological Perspectives*. Londres: Routledge, 2006. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203001875>.
- NEGAÇÃO. Direção de Mick Jackson. Produção de Russ Krasnoff, Gary Foster, Celia Duval. [S.I]: Sony Pictures, 2016. (110 min.), color. Legendado.

Data de registro: 01/12/2020

Data de aceite: 26/02/2021